

A ORGANIZAÇÃO FAMILIAR NO ANTIGO EGITO: UM ESTUDO ATRAVÉS DE FONTES DO REINO MÉDIO (c. 2040-1640 a.C.)¹

Liliane Cristina Coelho²

Resumo: Os estudos sobre a sociedade egípcia são baseados em diversos tipos de fontes, que vão desde os artefatos recuperados em escavações arqueológicas, até aquelas relacionadas a remanescentes de casas e cidades da Antiguidade. Com relação à família, as estelas funerárias, erigidas para preservar a memória e garantir provisões de alimentos para os mortos, estão entre os principais documentos. Contudo, existem papiros, como um encontrado na cidade de Kahun, que contêm a relação de membros de uma casa, num dado momento. Esses, pertencentes principalmente ao período conhecido com Reino Médio (c. 2040-1640 a.C.), trazem informações importantes sobre a família egípcia, e sobre a extensão do núcleo familiar. Assim, neste artigo, apresentaremos alguns dados obtidos sobre a organização familiar através da análise de estelas funerárias, bem como faremos uma breve explanação sobre o papiro de Kahun, por meio de sua tradução.

Palavras-chave: Egito Antigo; Sociedade; Família; Reino Médio.

Abstract: The studies about the Egyptian society are based on diverse types of sources, which go since the artifacts recouped in archaeological digs, until those related the remainders of houses and cities of the Antiquity. With regard to the family, funerary stelae, erected to preserve the memory and to guarantee food provisions for deceased, are between main documents. However, there are some papyruses, as an example found in the city of Kahun, which contain the relation of members of a house, in a brief moment. These, pertaining mainly to the period known as Middle Kingdom (c. 2040-1640 B.C.), bring important information on the Egyptian family, and the extension of the familiar nucleus. Thus, in this paper, we will present some data gotten on the familiar organization through the analysis of funerary stelae, as well as we will make one brief explanation on the papyrus of Kahun, through the examination of its translation.

Key words: Ancient Egypt; Society; Family; Middle Kingdom.

Introdução:

Presentes em grande quantidade nas coleções egiptológicas de todo o mundo, as estelas funerárias constituíam um artefato importante para o túmulo de um egípcio antigo. Tais monumentos trazem, em princípio, três elementos essenciais para assegurar a vida após a morte. Primeiramente, aparecem as inscrições, sendo que a mais importante delas é a fórmula de oferendas, que garante as provisões para o morto. Em segundo lugar, há orações, o nome e o título do falecido, datas e informações genealógicas. Por último, como terceiro elemento, há a representação do morto diante de uma mesa recoberta de alimentos, elemento fundamental para que ele possa viver eternamente. As estelas não estavam apenas acessíveis à elite, mas a

¹ Este artigo foi publicado originalmente nos Anais da VII Jornada de História Antiga: Vida, Morte e Magia no Mundo Antigo. Referência: COELHO, L. C. . A Organização Familiar no Antigo Egito: um Estudo Através de Fontes do Reino Médio (2040-1640 a.C.). In: VII Jornada de História Antiga: Vida, Morte e Magia no Mundo Antigo. Rio de Janeiro : Editora da UERJ, 2007. v. 1. p. 97-104.

² Graduada em História pelo Centro Universitário Campos de Andrade. Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional pela UTFPR. Mestre em História Antiga pela UFF. Integrante do Projeto de Pesquisa Interinstitucional “Egiptomania no Brasil: séculos XIX e XX – Paraná”.

uma grande parcela das camadas intermediárias, cujos indivíduos tinham condições de “pagar” pelo trabalho de confecção do monumento. Assim, são fontes valiosas para estudos sobre a sociedade do antigo Egito.

Da mesma forma, a sociedade egípcia nos legou alguns papiros, pertencentes principalmente ao período conhecido como Reino Médio (2040-1640 a.C.)³, mais especificamente às XII (1991-1783 a.C.) e XIII (1783-1640 a.C.) Dinastias, que trazem a relação de pessoas, aparentadas ou não ao proprietário, que viviam em uma casa. Estes, assim como as estelas funerárias, são fontes fundamentais para o conhecimento da organização familiar no Egito antigo, e sobre a extensão da família egípcia.

Com base nesses documentos, e verificando a possibilidade de reunirmos um *corpus* documental acessível através de publicações ou por meio de peças mantidas em museus brasileiros, desenvolvemos um projeto de estudo que visa a investigação da organização familiar no Egito, durante o período conhecido como Reino Médio. Dentre os objetivos dessa pesquisa estão a análise da extensão do núcleo familiar, o modo como cada personagem é representada e sua respectiva posição no contexto familiar, a partir de seus títulos.

Como metodologia para a análise das estelas funerárias, empreendemos um estudo iconográfico, baseado em uma ficha de análise proposta pelo Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso. Para a leitura das imagens e dos respectivos gestos será utilizada a metodologia de Richard Wilkinson, a qual consiste, em linhas gerais, em uma interpretação das figuras a partir da escrita egípcia. Assim, as imagens são lidas como se fossem sinais hieroglíficos. Para a análise do papiro, foi realizada a leitura de sua tradução para a língua portuguesa, realizada pelo Prof. Dr. Ciro Cardoso, bem como daquela publicada em inglês, no final do século XIX, por F. Ll. Griffith, e os comentários contidos em sua obra.

A família:

Os antigos egípcios não estabeleciam uma distinção clara entre meio familiar, meio social e meio profissional. Muitas vezes, seus colegas de trabalho são seu pai, seus filhos, seus irmãos e cunhados, e ainda vizinhos e amigos (VALBELLE, 1990). Era comum para as famílias de trabalhadores habitarem em um bairro específico, dedicado a uma profissão, ou ainda em uma vila de operários. Dessa maneira, as melhores informações que se têm sobre a família no antigo Egito são as que se encontram em documentos provenientes dessa camada

³ As datas seguem a cronologia proposta por BAINES, J. & MÁLEK, J. O mundo egípcio: deuses, templos e faraós. Madri: Ediciones del Prado, 1996. v.1. p.36.

intermediária da população, situação bem diferente daquela dos camponeses, cujos registros são praticamente inexistentes (CAMINOS, 1994).

Os egípcios não conheciam uma palavra específica para designar a família, apesar de dar grande importância ao núcleo familiar. Estudos realizados sobre o tema nos mostram que havia uma relação bastante contígua entre os membros mais próximos, ou seja, o pai, a mãe e os filhos, enquanto que com outros parentes essa relação seria mais distante, ou frouxa (ANDREU, 2005). Palavras que normalmente utilizamos para descrever os parentes próximos (tio, tia, primo, entre outras) são desconhecidas na língua egípcia. Entretanto, os egípcios recorreram a expressões compostas para expressar relações mais complexas. Por exemplo, para mencionar “avô” escrevia-se “pai do pai”. Assim, essa forma nos leva a um modo particular de expressão cultural que faz uma ligação direta entre as gerações. Ou seja, se o indivíduo tem um filho, este será também filho de seu pai.

A educação era, até uma determinada idade, uma obrigação da mãe. A partir dessa idade, no caso dos meninos, passava a ser uma obrigação do pai, a quem eles acompanhavam no trabalho como ajudantes ou sucessores (WENZEL, 2001). No caso de seguirem uma profissão diferente daquela de seu pai, eram enviados para escolas, que geralmente se situavam próximas aos templos, para aprender uma nova profissão. Idéia essa que aparece sugerida na *Sátira das Profissões*, texto datado originalmente da XII Dinastia, no qual um pai, chamado Khéti, viaja com seu filho Pépy, para deixá-lo na escola dos livros.

Era função do pai garantir o sustento da família, e dar exemplo aos filhos para que, desde jovens, tivessem a mesma idéia de núcleo familiar e, assim, fundassem sua própria família. Mas, aos filhos, cabia a função de assistirem aos seus pais, tanto na velhice, quanto após a morte, uma vez que esses seriam também os responsáveis pela manutenção do culto funerário aos seus progenitores (BREWER & TEETER, 1999; ANDREU, 2005).

Assim como na vida diária a unidade familiar era importante, conforme fica evidente através da análise dos textos presentes nos papiros, essa também o seria na vida após a morte, o que é demonstrado pelas representações dos membros familiares nos monumentos funerários, dentre os quais figuram as estelas, um dos objetos de nosso estudo.

As estelas funerárias:

As estelas funerárias aqui apresentadas pertencem à coleção Museu Nacional. Optamos por esses exemplares por serem considerados mais significativos, dentro do *corpus* documental analisado, para o estudo das relações familiares no Egito do Reino Médio.

Descrição da Estela de Werhap-Renefseneb⁴

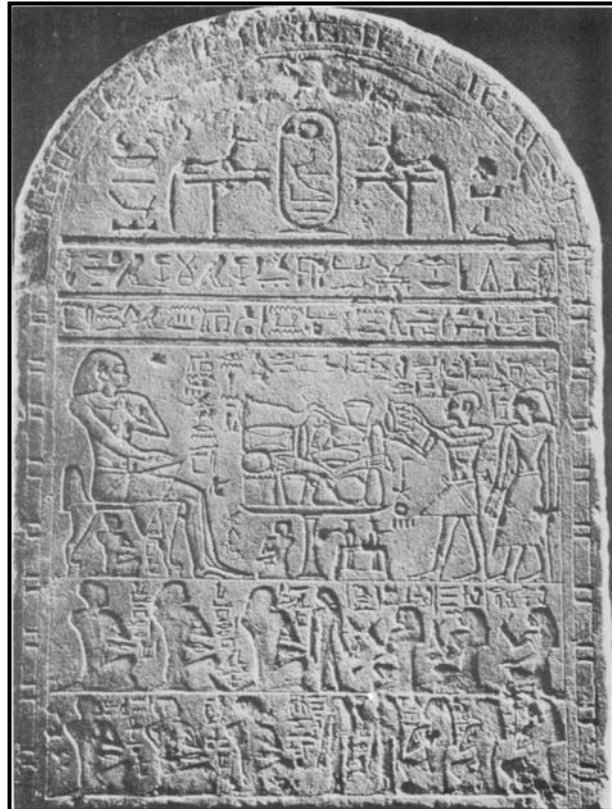


Figura 1: Estela de Werhap-Renefseneb. Fonte: KITCHEN, K. A.; BELTRÃO, M. da C. Catalogue of the Egyptian collection in the Nacional Museum, Rio de Janeiro. Warminster: Aris & Phillips Ltda, 1990, v.2, p.4.

Na luneta, há o cartucho com o prenome de Amenemhat IV, ladeado por duas representações de um chacal deitado sobre um pavilhão divino. Acima das figuras, há um disco solar alado. As legendas ao lado de cada uma das representações de Anúbis ou Uapuauet o identificam como “*Senhor do Território Sagrado; que fica sobre sua montanha*”. Abaixo, há duas linhas de texto, que devem ser lidas da direita para a esquerda.

⁴ Os nomes e títulos presentes nas estelas foram consultados nas traduções presentes em KITCHEN, K. A.; BELTRÃO, M. da C. Catalogue of the Egyptian collection in the Nacional Museum, Rio de Janeiro. Warminster: Aris & Phillips Ltda, 1990, v.1.

No registro principal, Werhap-Renefseneb está sentado em uma cadeira com pernas de leão e encosto baixo. Essa posição, seguindo a metodologia proposta por Wilkinson, pode ser lida como o hieróglifo que significa “nobre”. Werhap-Renefseneb aparece com uma peruca curta, que cai por trás dos ombros, com um colar largo e um saiote triangular curto. Sua mão esquerda está posicionada sobre o peito. Embaixo da cadeira há uma criança, identificada como seu filho, Renseneb. À frente do morto há a representação de uma mesa de oferendas onde se vêem uma pata dianteira de um bovídeo, molhos de cebolas, pães cônicos e redondos, a cabeça de um bovídeo, pedaços de carne, cestos com frutas e uma ave. Sob a mesa, há outra criança, identificada como filho de Werhap-Renefseneb, Werhap Junior, e dois vasos de libação. À direita da mesa, há dois homens, um dos quais carrega um pedaço de carne, que oferece ao morto. Este está representado com um saiote triangular curto, e com um colar largo. A legenda o identifica como o sobrinho de Werhap-Renefseneb, Amenemhat-Senebhenaef. O outro homem, cujo grau de parentesco com o morto não é revelado, porta uma peruca curta, que lhe cai pelos ombros, um colar largo e um saiote longo.

No segundo registro, estão representados três homens e três mulheres, sentados, tendo ao centro um menino, em pé. A criança é identificada como Hor, e a mulher que aparece a sua frente está nomeada como sua mãe, Setamon. As outras mulheres, assim como os homens, não têm seus graus de parentesco com o morto explicitados no monumento, conforme demonstram as legendas que os identificam.

No último registro estão representados três homens e cinco mulheres, também sentados. Nas legendas que os identificam não é possível levantar o seu grau de parentesco com Werhap-Renefseneb.

Descrição da Estela de Resu

A estela começa com quatro linhas de texto, sendo que a primeira deve ser lida do centro para a esquerda e para a direita, e as seguintes da direita para a esquerda. No registro principal, Resu está representado sentado em uma cadeira com encosto baixo e pernas na forma de patas de leão, segurando próximo à face uma flor de lótus. À sua frente, há uma mesa de oferendas, sobre a qual há um molho de cebolas, três pães cônicos e três redondos, e um pato. Embaixo da mesa há um vaso de cerveja e um vaso alongado. No lado direito da estela, aparece uma mulher sentada, representada em escala menor que a do homem, e que é identificada pela legenda como “a Senhora da casa Sat-Neb-Seshenu”.



Figura 2: Estela de Resu. Fonte: KITCHEN, K. A.; BELTRÃO, M. da C. Catalogue of the Egyptian collection in the Nacional Museum, Rio de Janeiro. Warminster: Aris & Phillips Ltda, 1990, v.2, p.12.

Abaixo do registro principal há mais uma linha de texto, que deve ser lida da direita para a esquerda, e que identifica os personagens figurados no registro inferior. Neste, estão representados três homens sentados, todos com flores de lótus próximas à face. Os dois primeiros são identificados, pelas legendas, como irmãos de Resu, respectivamente Akhef e Impi. O outro não tem o seu grau de parentesco com o morto explicitado no monumento.

A estela termina com duas linhas de texto, onde são relacionados nomes de pessoas que podem ou não fazer parte do círculo familiar de Resu. Podem ser servos ou amigos do morto, ou mesmo familiares mais distantes, pois tais textos não deixam clara a sua relação com o morto.

Descrição da Estela de Montu-Sekher

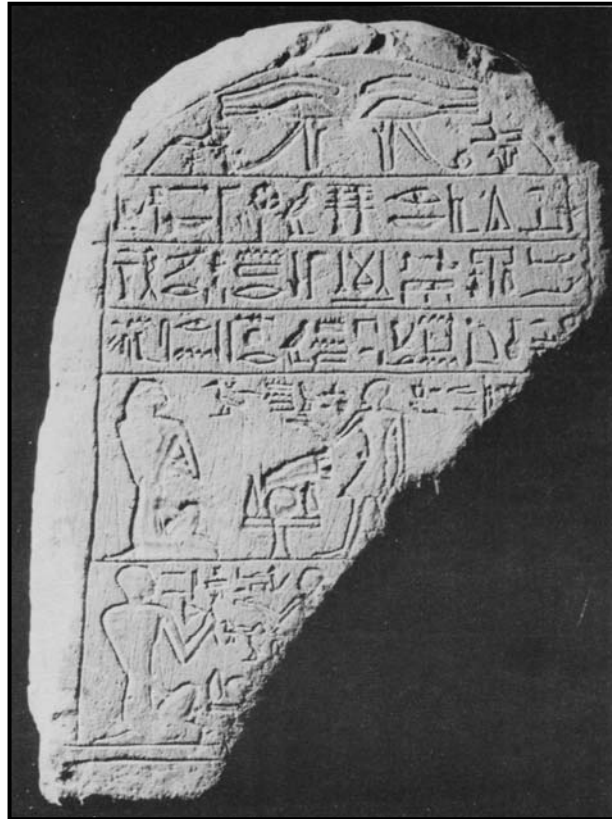


Figura 3: Estela de Montu-Sekher. Fonte: KITCHEN, K. A.; BELTRÃO, M. da C. Catalogue of the Egyptian collection in the Nacional Museum, Rio de Janeiro. Warminster: Aris & Phillips Ltda, 1990, v.2, p.28.

Na luneta, há a representação de dois olhos de Hórus, ladeados por chacais deitados sobre pavilhões divinos, identificados como Uapauet do Sul e Uapauet do Norte. Abaixo, há três linhas de texto, que devem ser lidas da esquerda para a direita.

A estela está quebrada, faltando-lhe uma parte da porção direita. No registro superior, vê-se o morto sentado, representado com uma peruca que chega aos ombros e um saiote. À sua frente há uma mesa de oferendas onde se vêem dois pães cônicos e um redondo, e um maço de cebolas. À frente da mesa de oferendas, no lado direito, há uma figura masculina, representada com um saiote triangular curto, e com uma das mãos levantadas, em posição que pode ser lida segundo o hieróglifo “oferecer”, conforme a metodologia proposta por Wilkinson. A legenda revela que se trata de um filho de Montu-Sekher, identificado como Montuhotep. Outra legenda, danificada em sua parte final, revela que a figura perdida é a de uma mulher, identificada como a esposa do morto, Renseneb.

No registro inferior, à esquerda, há a representação de um homem sentado, trazendo em uma das mãos uma flor de lótus. A legenda o identifica como o “funcionário menor, Poshi”. À sua frente, há, como na cena anterior, uma mesa de oferendas, atualmente

fragmentada, onde se vêem um pão cônico e um pão redondo. À frente da mesa, um homem, identificado como filho de Poshi, Iwfseneb, está representado com uma das mãos elevadas, em sinal de oferecimento.

A família nas estelas funerárias:

A partir das análises efetuadas, pode-se verificar que o núcleo familiar sempre é organizado a partir do proprietário da estela, sendo que em dois dos casos aqui mostrados os donos aparecem em destaque, fato que está diretamente relacionado à sua importância social.

No caso da estela de Montu-Sekher, o dono também aparece em destaque, mas há outra personagem, Poshi, que é representado com a mesma importância social do morto. Embora a inscrição principal esteja direcionada a Montu-Sekher, a estela é dividida em duas cenas análogas, o que pode representar que Poshi era uma pessoa muito ligada ao morto, ou que a estela foi erigida em honra aos dois personagens.

A importância dos proprietários das estelas de Resu e Werhap-Renefseneb é demonstrada pela forma como os dois são representados. Os dois aparecem sentados em cadeiras de encosto baixo, posição essa que pode ser lida conforme o hieróglifo “nobre”. Os outros personagens representados aparecem em escala menor, estando, na estela de Resu, todos sentados, e na de Werhap-Renefseneb apenas três em pé, dentre os quais uma criança.

No que se refere à representação da família, algumas informações interessantes podem ser retiradas dos monumentos. Em primeiro lugar, em relação à mãe do morto. Apesar de esta ser uma representação comum nas estelas funerárias, apenas na estela de Resu há uma suposta figuração da mãe, sendo esta apenas nomeada na estela de Werhap-Renefseneb e ausente no monumento dedicado a Montu-Sekher. O fato, porém, de se representar ou nomear, na maioria das vezes, apenas a mãe, não sendo freqüente o aparecimento do nome do pai, mostra uma característica importante na sociedade egípcia: a linhagem familiar é mostrada, na maior parte das vezes, pelo nome da mãe. Numa análise realizada em 27 estelas funerárias, observou-se esta característica em 19 delas.

Outra observação importante é relacionada às pessoas que são representadas nas estelas funerárias. Nos casos aqui analisados, aparecem parentes como a mãe, irmãos, irmãs, filhos e até mesmo sobrinhos. Cada monumento deve ser analisado separadamente, pois apresenta características distintas que merecem ser discutidas. Vale lembrar que os egípcios não tinham em sua língua palavras específicas para “tio”, ou “sobrinho”, por exemplo, e que

tais relações eram escritas como “irmão de seu pai” ou “filho de sua irmã”, e por isso ocupariam grandes espaços nos monumentos.

Na estela de Werhap-Renefseneb quem aparece fazendo a oferta de um pedaço de carne para o morto, função relacionada ao filho mais velho, é o seu sobrinho Amenemhat-Senebhenaef. Isso pode estar relacionado a dois fatores: ou ao proprietário da estela ter morrido jovem, sem filhos, ou ao fato de seu filho mais velho ser muito pequeno para carregar essa oferenda. O outro homem representado no registro principal não tem seu grau de parentesco com o morto definido, o que pode ter acontecido devido à falta de espaço no monumento para que essa relação fosse explicitada, ou ao fato de ser ele um amigo ou servo do falecido. As duas crianças representadas nesse primeiro registro não são identificadas claramente como filhos do morto, mas isso pode ser deduzido em função de sua proximidade com o mesmo.

É interessante observar, ainda com relação a esse monumento, que existe a representação de seis homens e oito mulheres nos registros inferiores, além de uma criança. De todas essas pessoas, apenas uma mulher tem seu grau de parentesco com o morto identificado, sendo esposa de seu irmão, mãe do jovem que faz a oferenda de carne, e da criança representada. Os outros podem ser, conforme discutido anteriormente, parentes que não tiveram explicitadas as suas relações, ou amigos e servos do proprietário da estela.

A estela de Resu apresenta uma característica um pouco diferente em relação à de Werhap-Renefseneb. Em primeiro lugar, porque a mãe do morto é supostamente representada, e depois por haver apenas um personagem que não tem um grau de parentesco com o falecido explicitado. Nesse monumento, figuram no registro inferior três personagens masculinas, sendo dois irmãos de Resu e um escriba, que provavelmente seja um amigo, devido ao título atribuído ao morto. Porém, tal personagem pode também ser um parente distante, cuja relação com Resu não foi especificada.

O monumento dedicado a Montu-Sekher, dentre eles, é o que traz menos informações sobre a família do morto. Nessa estela, estão representados apenas a esposa e o filho, tanto de Montu-Sekher, quanto de Poshi. Não há referência às mães ou a irmãos e outros parentes de nenhum dos dois, configurando um caso em que apenas o núcleo familiar, formado por pai, mãe e filho é representado.

O Papiro de Kahun

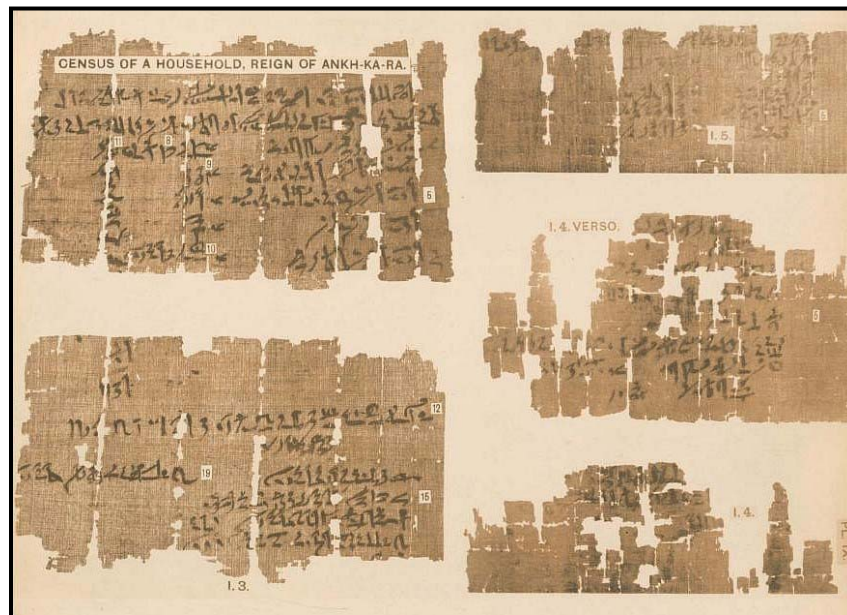


Figura 4: O Papiro de Kahun. Fonte: GRIFFITH, F. LI. (ed.). *The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob*. London: Bernard Quaritch, 1898. pl. IX.

Este documento faz parte de um lote de papiros selados encontrados em uma das residências de Kahun. Foi encontrado durante as escavações efetuadas por W. M. Flinders Petrie na cidade de Kahun, entre os anos de 1888 e 1890, juntamente com outros do mesmo período. Kahun, ou *Senusret-hotep* (“Senuosret está satisfeito”), como era chamada na antiguidade, está localizada no Fayum, próximo a um dos canais que levam a água do Nilo para a região. A cidade foi construída para abrigar os construtores da pirâmide de Senuosret II, em Lahun, e os sacerdotes responsáveis pelo seu culto funerário (DAVID, 1986). Alguns autores, como Eric Uphill (1988), no entanto, consideram que a localidade tenha sido utilizada como residência real por esse faraó.

A cidade de Kahun foi habitada por um período de aproximadamente cem anos. O abandono de algumas casas antes desse período nos legou muitos artefatos, como ferramentas em bronze, assim como documentos escritos, como os papiros, que nos ajudam a reconstruir a história daquela cidade. Segundo os relatos de Petrie (s/d), muitas casas foram utilizadas, depois de abandonadas, como tumbas para enterramentos de crianças. Estas eram inumadas com oferendas, como jóias e outros artefatos. Também é proveniente de Kahun, de uma dessas casas, o primeiro modelo de equipamento utilizado para fazer fogo pelos egípcios.

Os vestígios mais interessantes, contudo, são os papiros encontrados na cidade, e que dão “pistas” sobre o cotidiano da população. Antes dessa descoberta, havia apenas cinco

papiros datados desses primeiros tempos da história egípcia (PETRIE, s/d), e esses puderam juntar-se aos já conhecidos como um recurso adicional às novas pesquisas. Os papiros de Kahun foram posteriormente traduzidos e comentados por F. Ll. Griffith, e publicados sob o título de *The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob* (1898).

A importância do papiro aqui apresentado, em particular, está no fato de que este traz um inventário dos membros de uma família, em um dos estágios de habitação das residências de Kahun. Com a leitura desse documento, é possível levantar uma genealogia, ainda que incompleta, para a família de Snefru. Estão relatados, no papiro, os nomes de seu pai, sua mãe, das avós paterna e materna, e de três de suas tias, irmãs de seu pai.

Estas informações, ainda, podem ser complementadas através do estudo de outros fragmentos encontrados juntamente com este traduzido, e que complementam a genealogia de Snefru. Nas mesmas pranchas onde estão representadas as fotografias e as transcrições para a escrita hieroglífica do documento I.3 de Kahun, contam outros dois documentos, I.4 e I.5, que contêm inventários das pessoas que viviam na mesma casa, em diferentes épocas. Esses fragmentos, com certeza pertencentes também à família de Snefru, complementam a sua genealogia, e ajudam a compreender as mudanças no ambiente familiar em função, por exemplo, da morte do avô de Snefru, que pode ter resultado na ida de sua avó paterna e de suas tias para a casa de seu pai.

Demonstra-se, assim, a importância desse tipo de documento para uma melhor compreensão da extensão da família egípcia, que transita entre nuclear e extensa em uma mesma casa e em uma mesma geração.

Considerações finais:

O estudo aqui apresentado demonstra a possibilidade de uso das estelas funerárias e dos papiros jurídicos como fontes para a pesquisa sobre a sociedade no antigo Egito. A representação da família nas estelas, bem como a nomeação de membros que vivem em uma casa, podem ser utilizados para uma melhor compreensão dessa comunidade como um todo.

Existem muitas lacunas no estudo realizado, mas estas poderão ser preenchidas no seu devido tempo, através do estudo de outras estelas dedicadas aos mesmos proprietários. Isso porque, fazendo parte de um cenotáfio ou uma capela em Abydos, existiriam possivelmente três estelas funerárias dedicadas a cada proprietário, além de uma mesa de oferendas e uma estátua da pessoa que mandou erigir o memorial. Cada um desses artefatos, desse modo, pode conter informações que preencham os espaços deixados pelo estudo de um objeto único. Isso

é demonstrado pelo estudo realizado por Kitchen (KITCHEN & BELTRÃO, 1990) com algumas das estelas pertencentes à coleção do Museu Nacional, que têm suas complementares pertencentes a coleções de outros museus.

Contudo, segundo Simpson (1974), não é possível afirmar que todas as estelas que se convencionou dizer que são de Abydos realmente são. Segundo ele, apenas aquelas escavadas por Mariette, e que foram direcionadas para o Museu do Cairo, com certeza têm essa procedência. Quanto às restantes, só é possível afirmar que são de Abydos se possuírem a seguinte fórmula: “Eu construí minha capela no Terraço do Grande Deus”. Em sua obra, Simpson faz um inventário das estelas pertencentes a museus europeus e que foram adquiridas entre os anos de 1820 e 1827, e que teriam como procedência incerta os cenotáfios e capelas de Abydos. Dentre estas, existem algumas que são dos mesmos proprietários de algumas das estelas funerárias pertencentes à coleção do Museu Nacional, o que as colocaria no rol das estelas provenientes de Abydos.

Ainda segundo Simpson, as informações provenientes das estelas funerárias podem ser complementadas com o estudo de outros monumentos dedicados às mesmas pessoas. Essa é uma tarefa difícil, mas que com certeza tem grande utilidade para o entendimento da organização familiar no Egito antigo, durante o período conhecido como Reino Médio (2040-1640 a.C.).

Para auxiliar nesse entendimento, surgem os papiros com inventários das pessoas que viviam em uma casa, e que formavam, assim, uma unidade doméstica. Esses papiros, segundo Valbelle (1998), são exclusivos do Reino Médio, e trazem informações importantes sobre a família egípcia. Dessa forma, são documentos importantes para o levantamento do número de membros de uma família, e para a verificação de informações como a existência de famílias nucleares no antigo Egito.

As informações obtidas a partir desse material demonstram que é possível realizarem-se estudos sobre o antigo Egito no Brasil, e que tais pesquisas são viáveis. Fontes primárias de estudo, como as estelas funerárias, podem ser obtidas através de catálogos de museus, ou mesmo através da internet, nos *sites* dos museus a que pertencem as peças.

Referências Bibliográficas

ANDREAU, G. *A Vida Cotidiana no Egito no Tempo das Pirâmides*. Lisboa : Edições 70, 2005.

BAINES, J. & MÁLEK, J. *O mundo egípcio: deuses, templos e faraós*. Madri: Edições del Prado, 1996. v.1.

BREWER, D. J. & TEETER, E. *Egypt and the Egyptians*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

CAMINOS, R. A. “O camponês”. In: DONADONI, S. (org). *O homem egípcio*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

DAVID, R. *The pyramids builders of Ancient Egypt*. A modern investigation of pharaoh's work-force. London: Routledge & Kegan Paul, 1986.

GRIFFITH, F. Ll. (ed.). *The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob*. London: Bernard Quaritch, 1898.

KITCHEN, K. A.; BELTRÃO, M. da C.. *Catalogue of the Egyptian collection in the Nacional Museum, Rio de Janeiro*. Warminster: Aris & Phillips Ltda, 1990, 2 v.

PETRIE, W. M. F. *Ten years digging in Egypt*. Chicago: Ares Publishers, s/d.

ROTH, A. M. “The social aspects of death.” In: D’AURIA, S.; LACOVARA, P.; ROEHRIG C. H. (org.) *Mummies & magic: the funerary arts of ancient Egypt*. Boston: The Edward and Betty Marcus Foundation, 1992, p.52-59.

SHEDID, A. G. “Moradas para a eternidade: os túmulos dos nomarcas e funcionários.” In: SCHULZ, R.; SEIDEL, M. *Egipto: o mundo dos faraós*. Colónia: Könemann, 2001. p.119-131.

SIMPSON, W. K. *The Terrace of the Great God at Abydos: the offering chapels of dynasties 12 and 13*. New Heaven: The Peabody Museum of Natural History of Yale University; Philadelphia: The University Museum of the University of Pennsylvania, 1974.

UPHILL, E. *Egyptian towns and cities*. Aylesbury: Shire Publications, 1988.

VALBELLE, D. *A vida no antigo Egipto*. Portugal: Publicações Europa-América, 1990.

_____. *Histoire de l'État Pharaonique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

WENZEL, G. "Vida quotidiana doméstica: a casa como espaço vital." *In*: SCHULZ, R.; SEIDEL, M. *Egipto: o mundo dos faraós*. Colónia: Könenmann, 2001. p.399-409.

WILKINSON, R. H. *Reading Egyptian Art: a Hieroglyphic Guide to Ancient Egyptian Painting and Sculpture*. Londres: Thames & Hudson, 1996.